

INSTITUTO BUTANTAN, PÚBLICO, SUBORDINA-SE A FUNDAÇÃO PRIVADA

Guilherme Jeronymo
Jornalista

Daniel Garcia



Criada em 1988 com a finalidade de permitir que os recursos obtidos com a venda de soros e vacinas produzidos pelo instituto entrassem no seu próprio caixa, ao invés de cair no Tesouro estadual, ao longo de dez anos a Fundação Butantan, agindo como mera intermediária, fortaleceu o órgão público. A partir de 1998, porém, a entidade privada passou a comandar o instituto público e a privilegiar a produção em larga escala de imunoterápicos, em detrimento da pesquisa e do setor cultural. A falta de transparência facilitou desvio de R\$ 35 milhões — e gera protestos de funcionários

Na noite de 15 de maio de 2010, os funcionários que residem no conjunto residencial do Instituto Butantan viram o Corpo de Bombeiros entrar no local para debelar um incêndio no prédio que abrigava valiosas coleções de cobras, aranhas, escorpiões e lacraias, que continham exemplares raros, alguns únicos, conservados em frascos com álcool. Nem tudo se perdeu, mas muitas pesquisas terão de recomeçar do zero. Em seguida ao incidente, comoção e polêmica: havia algo de errado, evidentemente, na facilidade com que material tão valioso virou cinza — mas houve quem, como o ex-diretor da instituição Isaias Raw, nada visse de útil nas coleções incineradas. Ainda assim, agências de fomento e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) se preocuparam em garantir fundos para a construção de um novo prédio, mais moderno e seguro, com a finalidade de abrigar esse tipo de material. Sites, como www.euamoobutantan.com.br, arrecadaram doações e se tornaram fóruns de apoio e críticas.

Diante de questionamentos, o professor Hernan Chaimovich, ex-diretor do Instituto de Química da USP e atual superintendente-geral da Fundação Butantan, entidade privada que controla o órgão público (*explicaremos, adiante, como isso se deu*), declarou ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em entrevista publicada em 27 de junho de 2010, que em 2009 a fundação arrecadou R\$ 273 milhões com a venda de produtos diversos. A maior parte desses re-



Terreno onde se localizava o prédio incendiado

curso foi utilizada, segundo ele, na produção de vacinas e no investimento em equipamentos novos. Também foi dito por Chaimovich que o Instituto Butantan recebeu R\$ 60 milhões do Tesouro estadual no mesmo ano e que a maior parte dos grupos de pesquisa atua hoje com verbas de agências de fomento, como a Fapesp e o CNPq, ficando a cargo da Fundação Butantan o gerenciamento da produção.

Voltemos um pouco no tempo. O surgimento do hoje centenário Instituto Butantan deve-se, em grande medida, a Vital Brazil, que iniciou suas pesquisas no Instituto Bacteriológico, hoje Instituto Adolfo Lutz, em 1896, com o patrocínio da instituição. Três anos depois identificou no porto de Santos um surto de peste bubônica, que logo se alastrou. Constatada a indispo-

nilidade de soro em escala suficiente para importação, começaram os esforços para produzi-lo aqui. O governo paulista comprou a Fazenda Butantan, na área onde hoje se situam a Universidade de São Paulo, bairros residenciais e corredores comerciais. Em junho de 1901 foi entregue o primeiro lote de soro contra a peste bubônica. Vital Brazil dirigiu o Instituto Butantan de sua fundação até 1919, e depois de 1924 até 1927.

Do início com instalações precárias, em sua maioria cocheiras adaptadas, o instituto ampliou sua área de atuação, que passou a abarcar a pesquisa relacionada ao tratamento de picadas de serpentes e aracnídeos. Prédios foram construídos e se instalaram, ao longo das décadas, o Hospital Vital Brazil, três museus (o último inaugurado



Willy Beçak e seus colegas utilizaram o capital gerado pelas vendas da produção do instituto ao governo federal para reforçar o caixa do próprio instituto, e aplicaram os recursos na reforma da infraestrutura

Beçak chegou à direção do Instituto, onde atua desde a década de 1950, em 1983. À época o órgão sofria com a falta de recursos financeiros e infraestrutura, e o apoio de pesquisadores internos, das lideranças científicas e da Associação Amigos do Instituto Butantan se mostrou insuficiente. Após a “crise do soro” ainda se entregavam soros e vacinas para o Ministério da Saúde sem receber recursos em troca, pois os repasses eram intermediados pelo Tesouro estadual. A superação da “crise do soro” se deu com o apoio do Ministério, que reaparelhou diversas instituições de produção e pesquisa Brasil a fora para criar um sistema nacional de produção de imunoterápicos, política que teve o Butantan como pilar desde a sua proposição.

Em 1988 foi criada, com recursos particulares de cientistas, a Fundação Butantan. O próprio Beçak exerceu a presidência da entidade privada, de 1988 até 1997. “Em dez anos chegamos à ponta na pesquisa nacional. Na época, havia aporte para todos os setores: desenvolvimento científico, desenvolvimento tecnológico, cultura [*museus, equipamentos destinados à visitação pública*], atendimento a funcionários e produção. Fizemos a modernização das plantas e construção de alguns

prédios de produção”, declarou Beçak à *Revista Adusp*. Na época o Centro de Biotecnologia foi criado e foram ampliados os setores de produção e controle, que ganharam prédios próprios para atuar, mesclando recursos públicos e da fundação.

Longe de terem feito alguma mágica, Beçak e seus colegas utilizaram o capital gerado pela venda da produção do instituto ao governo federal para reforçar o caixa do próprio instituto, empregando a fundação como mera intermediária. Com os recursos obtidos realizaram a reforma dos sistemas de energia elétrica, água, telefonia e vapor. Depois de cuidarem da infraestrutura, atualizaram as estruturas de produção e investimento em tecnologia. Contudo, de 1998 em diante, diz Beçak, o Estatuto da fundação foi alterado. Os recursos passaram a ser aplicados prioritariamente nas estruturas de produção, isoladas dos demais setores do instituto.

A mudança na destinação dos recursos ocorreu após mudanças no quadro de dirigentes da Fundação Butantan, ligadas a um cientista cujo nome está envolvido em variadas polêmicas: Isaias Raw, já citado neste texto. Procurado, preferiu não dar entrevista à *Revista Adusp*, pretextando não concordar com

em 2002) e diversos laboratórios, onde soros e vacinas foram produzidos até a década de 1980. Em 1984 deu-se o que alguns chamaram de “crise do soro”, quando se descobriu que o instituto estava produzindo soro antiofídico inócuo. Houve uma mudança radical na direção da instituição, que recebeu cientistas recém-aposentados, contratados como lideranças científicas.

A reorganização culminou com a criação da Fundação Butantan, em 1988, por iniciativa do então diretor Willy Beçak e outros. Desde então ocorreu a instalação de um parque de produção de vacinas (da ordem de 180 milhões de doses/ano) e soros (800 mil ampolas/ano), tornando-se o Instituto Butantan peça central nas políticas nacionais de suficiência em imunoderivados do Sistema Único de Saúde (SUS).

o ponto de vista da entidade, mas passou o recado de que a opção por fundações, autarquias e congêneres se dá como forma de agilizar a gestão, impedindo “um saque ao tesouro público”.

Raw foi guindado à direção da Fundação Butantan em processo no mínimo peculiar: depois de chefiar o Instituto Butantan durante a década de 1990, o pesquisador chegara em 1997 à idade de aposentadoria compulsória no setor público. Então, num “conchavo entre amigos”, como foi considerado por funcionários experientes, Beçak abdicou da presidência da fundação em favor de Raw, bastante influente nos conselhos da entidade. Logo que Raw deixou a direção do instituto, o posto foi assumido por Hisako Higashi (que mais tarde transferiu-se para a fundação, de onde sairia em 2009, no cargo de superintendente).

Os críticos de Raw o apontam como um homem preocupado demais com as fábricas de imunobiológicos, deixando a pesquisa básica e outros campos do instituto sem apoio. Mas seu modelo de gestão também encontra apoiadores. Paulo Lee Hoo, pesquisador do Centro de Biotecnologia do Butantan, que dirigiu durante anos na última década e onde coordena pesquisas até hoje, elogia iniciativas controversas de Raw: “Quando ele foi diretor, estimulou os pesquisadores a buscar recursos fora, e isso foi bom, porque o pesquisador tem que ser capaz de buscar recursos para manter a sua pesquisa. Por problemas de recursos limitados, a prioridade da fundação é com a

O PROTESTO DE BEÇAK

O *Informativo Adusp*, jornal quinzenal da Associação dos Docentes da USP, publicou com exclusividade em sua edição 297, de novembro de 2009, contundente depoimento de um dos mais importantes pesquisadores brasileiros: Willy



Daniel Garcia

Beçak, funcionário do Instituto Butantan desde 1956 e seu diretor entre 1983 e 1991. “O instituto ficou subordinado à fundação. Até os estatutos foram mudados. A fundação passou a estabelecer a política do instituto”, denunciou.

A avaliação de Beçak, investido de autoridade para falar na condição de quem fundou a Fundação Butantan e a presidiu até 1997, é de que nos últimos anos “houve uma inversão” na relação entre as instituições, mediante a qual a fundação — privada — passou a “estabelecer a política do instituto”. “Quem deve dirigir o instituto é a sua diretoria. A fundação deve ajudar”, definiu. “A fundação era bem caracteriza-

da, bem controlada. Era tudo transparente. A fundação era auxiliar do instituto”.

Na mesma edição do *Informativo Adusp*, a diretoria da Adusp publicou editorial a respeito: “Não há motivo para duvidar do professor Beçak quando explica

o que o levou a criar a Fundação Butantan”, assinalou o texto. “Porém, é ele mesmo quem protesta contra a inversão ocorrida nos últimos anos, que subordinou o ente público à direção da fundação privada. O que pareceu uma solução nos primeiros anos transformou-se, contra a sua vontade, em desvio, que compromete o Instituto Butantan”.

Ainda de acordo com a Adusp: “Problemas no setor público devem ser resolvidos com instrumentos da esfera pública. A intermediação de entes privados, mesmo quando realizada a princípio com propósitos meritórios, abre uma brecha convidativa para interesses mercantis.”

Daniel Garcia



Isaias Raw

Os desvios praticados na Fundação Butantan colocaram na berlinda o processo de privatização do Instituto Butantan. Os funcionários exigem transparência e que a entidade privada aplique no mínimo 10% de seu orçamento anual no instituto

produção. Mesmo assim, todo laboratório recebe uma verba de R\$ 3 mil por ano, tem equipamentos multi-usuários, e seus técnicos são mantidos pela fundação. O resto temos de buscar fora”.

O Centro de Biotecnologia, responsável pelo desenvolvimento de produtos a partir da pesquisa básica, é o principal ponto de relação entre o Instituto Butantan e a fundação. Inclui tanto o pessoal dos laboratórios, situados na parte alta do Instituto, na qual estão os prédios mais antigos do Butantan (usados pelas equipes pioneiras de Vital Brazil), quanto as fábricas e o moderno prédio da fundação, localizados numa baixada.

Com este modelo, diz Hoo, foi possível dar o salto entre a instituição em crise nos anos 1980 e a instituição “de ponta”. Mas mesmo Hoo admite que Raw às vezes peca por exagero, em especial nas decla-

rações à imprensa, e complementa: “Um pesquisador não pode ser um administrador, ele não desempenhará bem este papel”. O Tribunal de Contas estadual parece concordar: uma pesquisa no *Diário Oficial* aponta reiterados pedidos de esclarecimento acerca das contas da Fundação Butantan de 2006 e 2007 — nas quais, em 2009, o Ministério Público Estadual identificou desvios da ordem de R\$ 35 milhões, mas que podem chegar, de acordo com a revista *Carta Capital*, a mais de R\$ 100 milhões.

A despeito do afastamento de Raw e Higashi dos cargos de presidente e superintendente da fundação, que ocupavam quando o escândalo surgiu, as suspeitas quanto à autoria dos desvios recaem sobre alguns funcionários administrativos e fornecedores. Os cientistas teriam apenas assinado os papéis e cheques sem ler, ou procurar entender, o que neles constava. Seja como for, esses desvios colocaram na berlinda o processo de privatização do Instituto Butantan.

Funcionários do instituto que resistem à privatização, mas mantêm-se no anonimato, por temer represálias, divulgaram suas primeiras denúncias em novembro de 2009. Suas propostas de correção de rumos incluíam o “estabelecimento

de um percentual fixo do orçamento da Fundação a ser aplicado no Instituto Butantan, por exemplo, 10%”, pois a participação da entidade privada no Instituto, em 2008, foi de apenas R\$ 7 milhões, ou 2,3% da receita total de R\$ 300 milhões. “Ou seja, a participação efetiva da fundação no instituto é irrisória”, garantiam eles (“Funcionários do Instituto Butantan exigem transparência da Fundação”, *Informativo Adusp* 296).

A idéia de gerir o Butantan de maneira independente da Secretaria Estadual de Saúde é antiga. Na biblioteca do próprio instituto, documentos de 1966 registram quase dois anos de discussões de uma comissão de sanitaristas e cientistas do instituto e do governo que discutiram sua transformação, e a do então existente Fundo de Pesquisa do Instituto Butantan, na Fundação Butantan, que seria uma fundação de direito público, instituída pelo Executivo estadual e que pudesse (a exemplo de sua versão atual) receber verbas dos governos de outros estados e de São Paulo pela compra de soros e vacinas. A discussão sobre a divisão entre ciência e produção e debates espinhosos como o financiamento das atividades e o regime jurídico de contratação dos funcionários já estavam

presentes nas reuniões. De acordo com Beçak, à época iniciando sua carreira científica no Butantan, esta foi apenas uma das tentativas de pensar outras formas de gerir a instituição, baseando-se no modelo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Por não resolver problemas salariais e de contratação de pessoal, a fórmula foi deixada de lado, como aquelas que lhe sucederam, até a criação da atual fundação, privada.

A versão atual do Estatuto da fundação, aprovada por seu Conselho Curador em outubro de 2009, estabelece a entidade como “personalidade de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial”, com sede no mesmo endereço do Instituto Butantan e que tem por finalidades, em primeiro lugar, “operacionalizar a produção de imunobiológicos, biofármacos e de outros produtos afins, com vista ao atendimento às políticas de saúde pública” e depois disto colaborar com o Instituto Butantan para facilitar sua atuação, melhorar suas condições de “recrutamento, fixação, formação e aprimoramento de recursos humanos” e “contribuir para a profissionalização e modernização da gestão das atividades” do órgão público.

O Conselho Curador, desde a década de 1980 o órgão máximo da Fundação Butantan, é composto por todos os membros do Conselho Diretor do Instituto Butantan e por um representante do governo estadual, externo à área da saúde. O colegiado tem funções de fiscalização e de direcionamento dos investimentos e linhas de ação, jun-



A controversa fábrica de vacinas contra a gripe

tamente com o Conselho Técnico Científico. Cabe-lhe ordenar a realização de auditorias, aprovar orçamentos e prestações de contas e eleger o presidente da fundação, a cada quatro anos.

Outras mudanças aumentaram o poder do Conselho Curador sobre a fundação (e sobre o Instituto Butantan) e inscreveram no Estatuto questões antes presentes apenas no Regimento interno, como os prazos para prestações de contas aos conselhos e a responsabilidade pessoal do presidente e do superintendente geral (ou do superintendente financeiro) em quaisquer

convênios ou movimentações financeiras de monta. Uma mudança no mínimo curiosa é a possibilidade de o presidente “solicitar ao Conselho Curador, sempre que necessário, a transferência de verbas, dotações orçamentárias, abertura de créditos e alienação total ou parcial do patrimônio da Fundação, conforme especificado no Regimento interno”. Na prática, se estabelece uma brecha no próprio Estatuto da fundação para solicitar a transferência de recursos do instituto. Dada a coincidência entre os gestores do instituto e os da entidade privada, a aprovação no Conselho Curador

Daniel Garcia



***Diversas vezes “inaugurada” nas últimas décadas,
a planta de produção de vacinas contra a gripe
ainda está sendo validada e ajustada: hoje se domina
apenas parte do processo, embora já tenha cerca
de dez anos o convênio com a Aventis-Pasteur***

seja pela existência de conflitos e pressões, seja pela perda de credibilidade que acarretam.

Beçak chama ainda atenção para a separação entre laboratórios de pesquisa básica e área fabril. Para um desavisado, a separação é imperceptível, mas há muro e portões separando as fábricas do restante do instituto, tanto nas fábricas sob administração direta da fundação, que funcionam junto da entrada do instituto, de acesso restrito.

Não bastasse a dificuldade de comunicação interna, a política externa continuamente influencia o instituto. A estrutura fabril, diversas vezes inaugurada nas últimas décadas, em especial a planta de produção de vacinas contra a gripe, chegou a ser parte da propaganda do PSDB e do candidato a presidente José Serra no começo de 2010. A estrutura está sendo validada e ajustada: hoje se domina e se realiza apenas uma parte do processo, embora o convênio com a Aventis-Pasteur tenha cerca de dez anos. Segundo fontes internas, problemas na construção dos sistemas de ventilação da planta atrasaram sua ativação. A fábrica deveria suprir a demanda por vacinas de gripe sazonal e pandêmica (H1N1), cuja compra requer em torno de R\$

100 milhões ao ano. O processo, em menor escala, é dominado e realizado no Butantan desde a década de 1980, com métodos que foram abandonados pela administração de Raw na década de 1990.

Outra obra problemática é a planta para produção de hemoderivados, prometida desde 2004 e continuamente “em construção”. Uma placa, na entrada do instituto, dá conta de que o governo estadual investirá nela cerca de R\$ 60 milhões. Entre as empresas responsáveis pela construção está a construtora pertencente ao ex-vice governador do Distrito Federal, Paulo Octavio, envolvido no escândalo do “mensalão” do Partido Democrata em Brasília, que levou à prisão e destituição do então governador José Arruda.

A própria presença de fábricas na área do Instituto Butantan, que é cercada por zonas residenciais e comerciais, e próxima a um córrego, é questão delicada. No entorno das plantas estão um posto de saúde e uma escola, sem falar nas matas da USP.

O mal-estar com a aparente confusão de papéis entre a administração do instituto e a da fundação originou um pedido de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na

seria logicamente referendada pela direção do instituto.

“É uma nova crise, diferente daquela da década de 1980. Houve inúmeras crises [na história do Instituto], por causas internas e problemas políticos. Não temos hoje uma crise de capacidade, seja técnica ou científica. Há, porém, um perigoso processo de saída de pesquisadores, sem renovação”, comenta o ex-diretor Beçak a respeito do momento atual do Butantan. Tal processo está relacionado aos baixos salários dos pesquisadores (vide texto na p. 34), mas há um peso considerável da crise interna,



Daniel Garcia

Os museus são um componente essencial do setor cultural

Apagado o incêndio, o Instituto Butantan se reorganiza.

Mas, ao que parece, as recentes mudanças

de gestão não devem trazer ventos favoráveis

à democracia interna e à publicidade das ações

Assembleia Legislativa, em junho de 2010, sem resultado. Formulado pelo deputado estadual Fausto Figueira (PT), o pedido fazia menção ao caso de corrupção e desvio de recursos públicos, ao “colapso” da fábrica de vacinas e ao recente incêndio, de acordo com o parlamentar a crônica de uma morte anunciada. Para Figueira, “apesar da indiscutível qualidade do corpo técnico-científico, a gestão é um desastre que redund

nestas falhas”, o que justificaria a criação de uma CPI.

Apagado o incêndio, o Instituto Butantan se reorganiza. Mas, ao que parece, as recentes mudanças de gestão não devem trazer ventos favoráveis à democracia interna e à publicidade das ações. Enquanto a Fundação Butantan passa por reformas em seu quadro de funcionários, com apoio de consultoria privada, esperam-se eventuais reflexos da

troca de comando no Palácio dos Bandeirantes, dentro de alguns meses, e também na gestão da Secretaria Estadual de Saúde, esta em razão do falecimento do seu titular, Luiz Roberto Barradas, e de sua substituição por Nilson Ferraz Paschoa.

Quanto a Isaias Raw, ainda integra o Conselho Técnico Científico da fundação. Mantém sala no instituto, com equipe e linha telefônica direta, como outros aposentados ilustres do órgão público, a exemplo de Willy Beçak e de Henrique Moisés Canter, ex-diretor da divisão cultural.

Por fim: apesar de repetidas solicitações da reportagem, a direção dupla do instituto e da fundação não atendeu à *Revista AduSP*.